



## **AULAS DE FILOSOFIA COMO ESPAÇO PARA O CUIDADO DE SI.**

Autores Flávio José de Carvalho, Adja da Costa Melo

*Universidade Federal de Campina Grande, [flavio.carvalho@ufcg.edu.br](mailto:flavio.carvalho@ufcg.edu.br); [adjacmelo@gmail.com](mailto:adjacmelo@gmail.com)*

A investigação a que nos propomos e que ora apresentamos se vincula a duas áreas epistêmicas, que gozam de correlação estreita e antiga, a Filosofia e a Educação, mais especificamente, a correlação Filosofia e Ensino de Filosofia. A estas orientações, convém mencionar que estamos a todo tempo pensando e problematizando de modo mais efetivo possível o campo e a atuação do docente-filósofo e sua sala de aula, como laboratório de investigação filosófica. Esta pesquisa desenvolveu dois movimentos investigativos: o primeiro, a leitura acurada e crítica da literatura filosófica e o segundo, a propositura de orientações e posturas para serem aplicadas nas aulas de filosofia no Ensino Médio. Atentamos, portanto, para o fato que esta pesquisa possui certo caráter hermenêutico e heurístico, na medida em de uma parte objetivamos tratar as questões contemporâneas do ensino de filosofia no Ensino Médio sob a égide do pensamento foucaultiano e deleuzeano e de outra parte pretendemos indicar propostas para um ensino de filosofia que oportunize aos professores construir um processo de ensino-aprendizagem de filosofia que incentive a capacidade de pensar do estudante, criando e estimulando a atitude filosófica problematizadora e desnaturalizadora da realidade.

Palavras-chave: ensino de filosofia, pedagogia do conceito, cuidado de si.



## **Introdução**

O texto que ora apresentamos resulta de uma investigação e trata-se de uma construção teórica e prática em torno do ensino de Filosofia tendo sua abordagem a partir da Filosofia da Diferença, de modo mais específico os pensamentos filosóficos de Michel Foucault e Gilles Deleuze. Neste sentido, enquanto pesquisa de cunho eminentemente aplicado à educação, igualmente pretende investigar (e relacionar com o problema da educação filosófica) a discussão filosófica de dois relevantes e polêmicos filósofos do século XX, Michel Foucault (1926-1984) e Gilles Deleuze (1925-1995).

Estimulando e esclarecendo a *démarche* desta investigação temos como objetivos estruturais 1. compreender como o Ensino de Filosofia pode oportunizar a experiência do filosofar nas aulas de Filosofia no Ensino Médio; 2. identificar as convergências e as contribuições dos pensamentos foucaultiano e deleuzeano com e para o âmbito da educação filosófica; 3. fomentar a pesquisa filosófica, especificamente, no intercurso da hermenêutica filosófica com o ensino de filosofia. Destacamos também os objetivos de 1. fomentar a pesquisa filosófica com ênfase nos problemas e conceitos oriundos do Ensino de Filosofia no Ensino Médio; 2. elaborar uma proposta de ensino de filosofia que estimule o pensar autônomo e criativo, bem como, o posicionamento (intelectual e social) comprometido.

A relevância de nossa investigação no cenário da pesquisa e do ensino brasileiro revela-se de um lado pela premente necessidade de pensarmos o Ensino de Filosofia na Educação Básica brasileira (depois da promulgação da Lei nº 11.684/2008, que tornou o seu ensino obrigatório em todas as escolas públicas e privadas do território nacional, e igualmente importante depois da promulgação da lei nº. 13.415/2017, que coloca o componente curricular Filosofia numa situação indefinida seja na estrutura curricular seja na sua constituição neste nível da educação) e de outro lado, destacamos que não basta implantar qualquer ensino de filosofia, precisamos oferecer um ensino de filosofia que estimule a atitude filosófica do estudante do Ensino Médio, que estimule o pensar filosófico que questiona a naturalidade da existência individual e social, um ensino de filosofia que, corroborando a tese kantiana, oportunize a saída do homem de sua menoridade, lançando-o para o pensar autônomo e engajado. Neste sentido, nossa pesquisa assume o duplo compromisso com a interpretação filosófica e com o ensino de filosofia. Convém mencionar, ainda, que a abordagem que aqui propomos goza de certo caráter inusitado, na medida em que se pesquisando a literatura acerca do ensino de filosofia no Ensino Médio – que por si só não é vasta – identificamos que a reflexão foucaultiana e deleuzeana direcionada para



este nível de ensino e de disciplina curricular não tem representatividade numérica ou inexistente.

## **Metodologia**

Esta investigação desenvolveu dois movimentos investigativos: o primeiro compreendendo a leitura acurada e crítica da literatura filosófica e o segundo correspondente à criação de orientações e posturas para as aulas de Filosofia no Ensino Médio.

No primeiro movimento, reconhecendo Michel Foucault e Gilles Deleuze como nosso marco referencial principal, temos estudado acuradamente as obras *Hermenêutica do Sujeito* e *Governo de Si e dos Outros*, também a coletânea *Ditos e Escritos*, nos volumes 3 e 5 nas quais constam textos de Foucault relevantes para nossa investigação, entre eles “O que é um autor?” e “A escrita de si”. Nossa apropriação teórica de Deleuze está se constituindo a partir das obras *O que é a filosofia?* e *Diferença e Repetição*.

No segundo movimento, nos dirigiremos para pensar a dinâmica do espaço escolar, na medida em que a *situação-problema* que suscita esta pesquisa filosófica é oriunda das práticas educativas vivenciadas pelos autores nas aulas de filosofia do Ensino Médio. Neste sentido então firmamos o objetivo de, além da reflexão, oferecer uma resposta ou propor uma alternativa de ensino de filosofia que privilegie a problematização e a apropriação filosóficas em sala de aula.

## **Resultados e discussão**

### **Filosofia, Pedagogia do Conceito e Educação Filosófica**

A Filosofia é a arte de criar conceitos, afirmam Deleuze e Guattari, e não há conceito que não remeta a um ou vários problemas. Partindo deste pensamento, compreendemos que criar conceitos corresponde à ação de construir compreensões sobre a realidade com toda a amplitude semântica que este termo possa comportar, incluindo-se o elemento da irrealidade e o fictício, compreensões reconhecidas como historicamente instituídas e validadas. Portanto, não há conceitos imutáveis, que não possam ou não devam passar por constantes revisões, deslocamentos, reestruturações, ou mesmo atingir sua invalidade lógica ou ineficácia histórica; a esta dinâmica de revisões e elaborações chamamos, destarte, de criação de conceitos.



Neste sentido, a atitude filosófica da qual trataremos assume o compromisso com esta dinâmica da criação de conceitos, que se traduz em posturas e atitudes diante da elaboração dos saberes e das relações sociais, a partir das quais se contesta a imobilidade de dadas teorias, se realçam as impropriedades de certas interpretações, se evidencia a incoerência de certas relações sociais e sua historicidade, bem como se oportuniza a emergência de uma nova compreensão e organização na vida humana coletiva e individual e na produção de saberes. Este caminho possível de ser realizado, que não se assemelha a um método, posto que reconhece seus limites operacionais e temporais, se inspira na pedagogia do conceito proposta por Deleuze e Guatarri.

A nosso ver, os elementos constitutivos desta pedagogia se combinam oportunamente com a nossa compreensão de atitude filosófica, como passaremos a descrever, partindo do que é a filosofia para estes filósofos, ou melhor, do que ela não é: Primeiramente, temos que a filosofia não é contemplação, pois enquanto a contemplação não comporta a oportunidade de criação, numa relação que toma o elemento contemplado como independente do próprio ato de contemplar, a filosofia constrói compreensões sobre a realidade e sendo assim é capaz de construir a própria realidade; a filosofia tampouco é reflexão porque, ao contrário do que comumente se afirma, a reflexão não é exclusividade da atividade filosófica, outros saberes também refletem sobre a realidade, portanto, afirmar que filosofar é refletir mais limita que expandi a sua compreensão; a filosofia também não é comunicação, pois a construção do conceito envolve mais divergências do que convergências entre entendimentos, o conceito não pretende estabelecer uma espécie de compreensão conciliada entre perspectivas. Deleuze e Guattari chegam mesmo a afirmar que a contemplação, a reflexão, a comunicação não são disciplinas, mas máquinas de constituir Universais em todas as disciplinas e, neste sentido, a atitude filosófica que assumimos vai de encontro às universalizações e padronizações.

Esta perspectiva de movimento, que perpassa toda a pedagogia do conceito, se manifesta na compreensão que os filósofos constroem para o conceito. O conceito não se vincula à representação, portanto, não se coloca como mediação tampouco definição. O conceito resulta de ação criativa sobre os seres, as situações e os fenômenos, portanto, o conceito não diz “o que é”, antes constrói “o que é” de cada ser, situação ou fenômeno em sua singularidade. Desse modo, o conceito não é algo que se coloca entre elementos, ele é a própria relação e compreensão simultaneamente, por isso não pode ser definição, porque como relação singular o conceito é compreensão singular, transitória. Os conceitos são criados e recriados ininterruptamente.



Podemos deduzir que o movimento constitui-se em uma das características principais da Pedagogia do Conceito, seja no âmbito do conceito seja no do plano de imanência, e como corolário já sinalizamos que a atitude filosófica da qual trataremos manterá estreita relação com estes pressupostos, quais sejam, o movimento, o deslocamento, a reconfiguração. Nesta dinâmica, abordaremos o terceiro elemento da Pedagogia do Conceito, aquilo que Deleuze e Guattari nomeiam de *personagem conceitual*. E destarte, a dinâmica da qual vimos tratando se relaciona com o movimento experimentado no teatro, no qual ator e espectador possuem papéis, vivenciam experiências, fruem de modos específicos e irrepetíveis. De modo análogo, a atitude filosófica contém estes elementos de especificidade e irrepetibilidade. Os personagens conceituais são construídos para vivenciar o vigor do conceito, eles não são apenas instrumentos por meio dos quais o conceito se efetiva, os personagens conceituais colimam a compreensão e a efetividade do conceito, isto é, o conceito ganha vida neles e por meio deles, são personificações do conceito. Sócrates, entre tantos personagens conceituais elaborados durante a história da Filosofia, não seria apenas o instrumento por meio do qual a ironia se efetiva, a geralmente chamada ironia socrática leva a assinatura do personagem conceitual e fornece ao personagem sua individualidade.

Como vimos, a Pedagogia do Conceito e a educação filosófica necessitam da existência de personagens (filósofo, leitor, autor, destinatário, diálogo, professor, estudante), requer um meio (o texto filosófico) pelo qual se acompanha e se executa a encenação e a educação, e igualmente requer atitudes da parte daqueles que se imiscuem na trama filosófica, no movimento da teatralidade do discurso filosófico, de modo que o contato com o texto dos filósofos requer atitude ativa e pro-ativa, em que não se lê apenas o texto, antes se filosofa junta com ele.

### **A leitura, a escrita e a fala: para pensar a educação filosófica**

A leitura tem um sentido de meditação, assim, conforme o autor, a meditação que significa (meditativo em latim, meléte– do verbo meletânem grego) recobre na Antiguidade sentidos distintos frente aos que assumirá nas culturas medieval e moderna. Então, conforme o autor, trata-se de um exercício, exercício de apropriação de um pensamento verdadeiro: não se trata de perguntar ao texto qual é o seu significado, mas de incorporar o texto a si, sendo capaz de utilizá-lo sempre que se apresenta a ocasião para tanto. Uma verdade que informa a conduta. Destarte, a meditação é uma experiência de identificação na qual o indivíduo “exercita-se na coisa que pensa”, um jogo efetuado



pelo pensamento sobre o próprio sujeito que experiêcia uma determinada situação-limite.

Assim, o caso paradigmático é a meditação sobre a morte: não se trata de pensar na morte, mas de pensar-se como alguém na iminência de morrer (o que prepararia, “armaria” o sujeito face à morte). Interessante reparar que para Foucault o movimento esboçado nas “Meditações” de Descartes segue em sentido análogo a este: um jogo do pensamento sobre o sujeito e não uma análise do sujeito enquanto objeto do pensamento.

É nesse sentido que se apresentam e se mostram as práticas de escrita como articuladas à leitura, uma alimenta a outra, e frente à qual é indicado como que um revezamento necessário: muita escrita esgota, muita leitura termina por se diluir. Apresenta-se assim, a prática de meditar (com base em uma leitura), escrever (de forma a assimilar o conteúdo de uma eventual leitura), treinar (exercitar-se frente à “prova de fogo” do real). Foucault menciona os hypomnêmata: cadernos, cadernetas nas quais eram anotados os preceitos “veridiccionáveis”, tenham estes sido retirados de livros, de uma conversação, de uma escuta, de uma intuição do sujeito. Dessa forma, fica mais claro o que Foucault a necessidade de saber ouvir, saber esperar.

Por sua vez, a fala se dá nas condições em que é atributo do mestre, isto é, aquele que ensina, prescreve, dirige (lembrando que tais funções tendiam a ser distribuídas entre diversos agentes). Em segundo lugar, a própria fala do dirigido deve seguir certo sentido, pois tem como função revelar a verdade de si mesmo. O outro auxilia na escrita, orientando o sujeito, pois o sujeito se constitui de várias partes, há várias lembranças, memórias que vão se chocar e assim surgem novas formas de interpretar o mundo. Porém, importante nunca se esquecer de quem já foi o indivíduo, isto significa que as memórias existem, e dela há possibilidades de criar outras formas de existências, outras realidades, não permanecer o mesmo. O mestre aparece como alguém que guia, todavia, ele não diz o movimento que se deve fazer, mas possibilita que o sujeito perceba um mundo que talvez estivesse escondido. Por sua vez, o sujeito começa a seguir, não porque alguém disse o que se deve fazer, ou repetindo as mesmas coisas e sim, pelo motivo de ter instrumentos que dar o suporte para saber lidar com as adversidades ao longo de sua vida.

Contudo, as práticas de fala não estão atreladas ao imperativo do “dizer-verdadeiro de si mesmo”. Para começar, nem sequer é sempre o caso de que o dirigido fale. E o que se espera dele não é que diga a verdade de si mesmo, mas que diga, verdadeiramente, com franqueza. Dessa forma, Foucault apresenta crucialmente a importante noção de *parrhesía*.



A parrhesía é uma das características do mestre, daquele que dirige a franqueza que deve adotar para que possa realizar o objetivo de fazer frutificar um discurso verdadeiro no interior do discípulo. A utilidade está em usar o conhecimento que se adquiriu, que foi gravado submetendo a experiência, usando em situações que o requeira, agindo como nos convém, a fala franca, que se apresenta na atitude do corpo, seja no gesto, nos movimentos, presente em uma coincidência entre o sujeito das enunciações e os sujeitos de seus próprios atos, o modo de ser, portanto sujeito da ação.

### **Dialética e Psicagogia: para pensar a educação filosófica.**

Foucault promove uma intensa discussão sobre a linguagem, e em nossa investigação interessa-nos sua ocupação com a *étymos técne*, técnica autentica do discurso, que encontra em Sócrates, que desenvolve sua concepção da relação entre o discurso e a verdade, mostrando como a verdade deve ser, não a condição prévia de certo modo psicológica da prática da arte oratória, mas, a cada instante, aquilo a que esse discurso se relaciona. Então, a arte da retórica é uma forma geral de algo que Sócrates chama de *psykhagogía dià tòn logôn* (psicagogia pelos discursos), o que quer dizer que a retórica nada mais é que uma maneira de conduzir as almas por intermédio dos discursos. Por conseguinte, o problema que ele vai colocar, ele não vai colocar no âmbito da simples retórica, vai colocá-lo no âmbito muito mais geral dessa categoria no interior da qual a retórica se situa ou deveria se situar, que é a psicagogia (a conduta das almas) *dià fôn logôn* (pelos discursos).

Foucault parte da questão socrática, da retórica particular para a psicagogia em geral, afim de dizer que os oradores, quando querem definir a *tékhne* da sua retórica, dizem que é uma arte que permite que a mesma coisa possa parecer justa ou injusta, ou que a mesma decisão possa parecer ora boa, ora ruim. Pois, é preciso ir do justo ao injusto por um caminho que procederá, diz o texto, por pequenas diferenças. A verdadeira arte da retórica, se quiser efetivamente apresentar como belo o que é feio, justo o que é injusto, e assim por diante, deverá ir de um ao outro por esse caminho progressivo de pequenas diferenças, e não por um salto brusco do justo ao injusto, do belo ao feio, do bom ao ruim. O que faz que se vá poder persuadir é saber onde, quando, como e em que condições aplicar esses diferentes procedimentos, entra neste aspecto a questão do corpo e da alma, se jogando para aquele que ouve atentamente.

Assim como um médico utiliza remédios para a cura. Do mesmo modo, essa capacidade de persuadir, que a retórica diz ser ainda a



sua tékhnē, mesmo que se possa admitir que a dialética é necessária ao discurso, pois bem, essa tékhnē retórica nada mais é que um corpus de receitas.

É preciso que enfatizem que a função da verdade deve ser uma função permanente ao longo de todo o discurso, e não simplesmente uma condição prévia de conhecimento, não querem dizer que o discurso precisa ser ligado à verdade, primeiro pelo conhecimento do que se fala, depois pelo conhecimento ou pela apreciação daqueles a quem se fala.

Desse modo, não se trata de dizer que, para fazer um discurso de verdade, seja necessário primeiro conhecer a verdade e em seguida levar em conta a pessoa a quem ele é dirigido. A dupla exigência de uma dialética e de uma psicagogia, de uma tékhnē dialektike e de um saber de psicagogia (de psykhagogía), essa dupla exigência deve ser compreendida como sendo, mais uma vez, não só uma exigência de quem fala, mas também uma exigência em função daqueles a quem se fala. O filósofo não tem todas as respostas e verdades, ao mesmo tempo em que pergunta, dialoga com outro, repensa também a sua postura diante do mundo, e quando pergunta, se faz uma pergunta sincera. Assim, o conhecimento do Ser pela dialética e o efeito do discurso sobre o ser da alma pela psicagogia são ligados. Eles são ligados intrinsecamente e são ligados por um vínculo de essência, pois é pelo movimento da alma que esta poderá ter acesso ao conhecimento do Ser, e é no conhecimento do que é que a alma poderá conhecer a si mesma e reconhecer o que ela é, ou seja, parente do próprio Ser.

Portanto, a dialética e psicagogia são duas faces de um só e mesmo processo, de uma só e mesma arte, que possibilita ao mesmo tempo o conhecimento da verdade e a prática ou a ascese da alma sobre si mesma. O discurso de retórica, o modo de ser do discurso retórico é um modo de ser tal que, por um lado, a indiferença à verdade é marcada pela possibilidade de dizer a favor ou contra, o justo como o injusto. E, por outro lado, o discurso retórico é marcado apenas pela preocupação com o efeito que será produzido na alma de quem escuta. Em compensação, o modo de ser do discurso filosófico é caracterizado pelo fato de que, por um lado, o conhecimento da verdade não é simplesmente necessário, não é simplesmente uma condição prévia nele, mas uma função constante. A psicagogia, conhecimento da verdade e prática da alma, articulação fundamental, essencial, indissociável da dialética e da psicagogia: é isso que caracteriza a tékhnē própria do discurso verdadeiro, e é nisso que o filósofo, por ser ao mesmo tempo dialético e psicagogo, o filósofo será verdadeiramente o parresiasta, e o único parresiasta, o que o retórico, o homem da retórica não é capaz de ser nem de fazer.

## **Conclusões**





À guisa de considerações finais, propomos a apresentação do entendemos como resultado da discussão proposta e de uma proposta de aula de filosofia sob esta motivação.

Uma aula de Filosofia que é orientada pela psicagogia oportuniza a fala do estudante que é silenciado e descontextualizado, uma vez que não lhe é permitido aplicar aspectos de sua vivência em sala, impossibilitado de comparar as ideias que estuda com sua vida, assim, sendo marginalizado de certa forma em sala. Deste modo, o protagonismo do professor e do estudante de filosofia deve aparecer segundo a psicagogia, porque dentro deste conceito, na escrita de si, não há discriminação do certo ou do errado, do que compete falar ou não. Nesse sentido, acontece a denúncia em dizer aquilo que até então estava enterrado ou preso no estudante na situação em que vive; o estudante pode aplicar os exemplos de suas vivências, fazer analogias com as questões vigentes sobre o tema trabalhando em sala, falar sobre o que o incomoda, isto é, a fala do estudante não é excluída, logo, o professor de filosofia orienta o estudante identificando a coerência do que ele fala em relação ao que ele está associando, incitando a conversa em sala, escutando-o atentamente. Deste modo, assim como o estudante pode aplicar sua vivência na aula de filosofia, o professor de filosofia também deve se orientar sua fala pelo que vive, não falando de algo exterior a ele, mas do que ele sente, vivencia, se afeta.

Nesta vivência o professor de filosofia cria um ambiente que põe o estudante em um jogo, estabelecendo orientações para uma dinâmica e aos poucos o estudante vai criando uma capacidade de distinguir as relações que agem sobre ele. O professor é assim alguém que tem a *parrhesía*, isto é ele fala o que faz e o que vive, sua fala independe do cargo que ocupa, sua situação estatutária. Nesta situação, estudante e professor criam uma relação recíproca, pois ele é orientado pelo que o professor conhece, pelo que vive, ele instrui e cria orientações e o estudante exercita estas orientações.

Uma aula de Filosofia que é orientada pela psicagogia faz com que o estudante de filosofia cuide de si. O cuidado de si não se restringe apenas a aparência em que se faz culto ao corpo, nas acadêmicas, clínicas de estéticas entre outros, antes está ligado a construção de uma autonomia em relação aos outros, isto é, estimula-se uma relação consigo mesmo, constituindo um sujeito de sua própria vida, não vivendo submetido cegamente às regras morais que são impostas de fora, sendo sujeito de suas próprias escolhas, assim como um artista cria sua própria obra de arte. Nesta perspectiva, somente a partir do cuidado de si que o sujeito constrói sua vida em relação a outros, portanto não se trata de isolamento social ou egoísmo. O sujeito que cuida de si se preocupa com o



outro, está em relação com ele, aprende com ele, e também lhe ensina, assim, havendo o crescimento de ambas as partes.

Diante disto, em uma aula de filosofia, se cria um hábito em se perguntar em relação à realidade na qual o estudante vive e isto parte de um movimento que se inicia no sujeito, o estudante pode então perceber as particularidades e individualidades de tudo e todos que o cercam, não generaliza suas compreensões. Suas convicções e certezas são suspensas e nesta aula se busca desvendar preconceitos velados (há um discurso e um pensamento que se não se fala, não aparece, a mordaza como mecanismo de controle, porém o que não é não dito, provavelmente aparecerá em corpos, nas posturas, isto é docilizar os sujeitos). O professor de Filosofia auxilia o estudante a olhar para sua particularidade, para o seu íntimo, e igualmente olhar para os outros e suas particularidades, sua intimidade.

Existe no próprio ensino de filosofia muitos conceitos de filósofos distribuídos em textos, conceitos importantes e ricos de informação, é uma forma importante de transmitir o conhecimento e o aplicando. Uma aula de filosofia que é orientada pela psicagogia proporciona o estudante de filosofia, poder ler o filósofo e saber ler o conceito de maneira dinâmica, permite com que o estudante perceba o caminho que o filósofo percorreu para chegar ao seu conceito, assim, entendendo como o filósofo cria o seu conceito. Pode inclusive perceber que tal criação pode se vincular ao cuidado de si, pois entende que o sujeito que filosofa usa para e em sua própria vida, fazendo o exercício de aproximações, contextualizações com a sua própria realidade, aplicando a relação problema filosófico e conceito a fatos de sua própria vida.

Uma aula de filosofia que é orientada pela psicagogia mostra outras formas de conhecer e criar, pois diante dos inúmeros veículos de informações, linguagens, mídias, tecnologias, o estudante de filosofia fica atento e mais curioso, a ponto de extrair novos conhecimentos, elaborar novas formas de comunicação, fazer uso de novas linguagens, criar novos mundos dentro de sua realidade. Desse modo, compreendemos que uma aula de filosofia que é orientada pela psicagogia promove possibilidades de ver sob diversos ângulos, até então desconhecidos, fomentando as trocas de informações entre o estudante e o professor, entre o estudante e os outros estudantes, cada um passa sua própria visão de mundo, isto é, são quadros novos, a diversidade favorece para que o estudante entenda e assuma diversos desdobramentos teóricos e práticos.

Uma aula de Filosofia que é orientada pela psicagogia permite ao estudante se sentir à vontade, confortável, seguro, e potente, uma vez que



ele pode falar sobre ele mesmo, sem se ver recuado, ou com vergonha e nem tampouco medo. Permite que os próprios estudantes se reconheçam pelo que são, isto significa dizer que eles têm um saber, um saber que deve ser reconhecido, fruto dos seus esforços, em conformidade com o que vivem, assim oportunizando que eles sejam protagonistas e autores em potência e em ato.

Uma aula de filosofia que é orientada pela psicagogia busca a contestação e a construção de um caminho de conhecimento e vivências, isto é, oportuniza a crítica de um caminho estabelecido e a mudança de postura gradual no comportamento, como por exemplo na construção e exposição de suas falas, nas argumentações, os estudante de filosofia, assim como o seu professor, procuram manter a firmeza, não no sentido de proclamar a sua verdade como único ou de impô-la, mas no sentido de tomar as rédeas das situações que podem enfrentar e se posicionar, reconhecendo o momento de se colocar, o momento de falar sobre determinadas acontecimentos e ouvir as proposições de outrem.

Uma aula de filosofia que é orientada pela psicagogia permite ao sujeito ser sincero, ser corajoso, isto é, não ter medo de assumir o que é, porque alguém está impondo determinados posicionamentos diferentes, regras injustificáveis; compreende inclusive que ser um sujeito verdadeiro, de fala franca, o expõe a correr riscos, podendo ser julgado, ou até mal visto. Assim, o que é dito em sala – e daí na vida extraescolar – pode oportunizar que o estudante seja julgado como fora da norma, anormal, e isto já é um risco. Portanto, esta postura não se limita ao plano escolar, é uma postura política, que se apresentará nas suas relações capilares (familiares, afetivas em geral, trabalhista, religiosa, etc.), nas microrrelações de poder que estão em casa, nas suas relações familiares, na forma em que interage com amigos, no mercado de trabalho, nas suas próprias escolhas de cada dia e de todos os lugares.

Diante do exposto, a tarefa com a qual nos defrontamos destarte, enquanto filósofos-docentes, diz respeito ao planejamento e à elaboração de aulas de Filosofia, eivadas pelos princípios orientadores do cuidado de si e da *parrhesía*. Trabalhar filosófica e pedagogicamente nos três anos do ensino médio, abordando as principais áreas da investigação filosófica (ética, estética, filosofia política, filosofia da linguagem, ontologia, epistemologia e teoria do conhecimento, filosofia da história e história da filosofia); relacionando os objetivos gerais e específicos com aquilo que acima enumeramos como elementos pertinentes a uma aula de Filosofia; tratando os textos filosóficos e elaborando materiais didáticos adequados para o desenvolvimento



de cada conteúdo e da postura filosófica relacionada que devem ser vivenciadas pelo professor e por seus estudantes na sala de aula, no exercício de filosofar, nas suas vidas e nos seus discursos.

### **Referências bibliográficas**

CERLETTI, A. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?* Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio d'água, 2000.

DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FISHER, R. M. B. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>. Acesso em: 07 mai.2013.

FOUCAULT, M. *A Hermenêutica do Sujeito*. 3. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros*. 3. ed. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos: estética: literatura e pintura, música e cinema (v. III)*. 3. ed. Org. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ditos e Escritos: Ética, sexualidade, política (vol. V)*. Org. Manoel B. Motta. Trad. Elisa Monteiro; Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HORN, G. B. *Ensinar filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos*. Ijuí: UNIJUI, 2009.

KOHAN, W. Entre Deleuze e a educação. In: *Educação e realidade*, Porto Alegre, EDUFRGS, v. 27, n. 2, jul.-dez. 2002, p. 126.

MACEDO, J. P. DIMENSTEIN, M. *Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>. Acesso em: 15 mai.2016.

RODRIGO, L. M. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o Ensino Médio*. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

VEIGA-NETO, A. *Foucault & a educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.